



CANTIGA DE NINAR SLEEPING SONGS

Glória Magalhães¹

RESUMO: "Cantiga de ninar" é um monólogo que fala da relação mãe e filha tendo como ponto de vista a posição da mãe. Durante a peça a personagem principal interage com a filha imaginária e a história vai se delineando através de conversas que estabelece com outros personagens pelo telefone.

PALAVRAS – CHAVES: teatro, relacionamento, mãe, filha

ABSTRACT: "Cantiga de ninar" (lullaby) is a monologue in which a mother-daughter relationship is highlighted, having the mother's position as noticeable point of view. During the play, the main character interacts with her unreal daughter and the story is developed through conversations she has with other characters on the telephone.

KEY WORD: theater, relationship, mother, daughter

No meio do palco, uma cama de casal, uma mesa de cabeceira de cada lado, em cima da mesa do lado esquerdo,, um telefone. Do lado direito um guarda-roupa, com espelho na porta. Do lado esquerdo uma estante com livros, ao lado da estante, uma porta. Voz de mulher que fala ao telefone.

Mulher – É... eu já te disse... Não, não quero você aqui!

A luz aumenta aos poucos. A mulher está encostada na cama. Está grávida.

Mulher – Será que não dá pra entender? A gente está separado!... A grana acabou? É por isso que você quer voltar? Você sumiu por três semanas... Não sou eu que estou esquecendo que estou grávida. É você que nunca colocou isso na cabeça... Não me

¹ aluna de doutorado da FFLCH – USP. gloriamagalhaes@gmail.com



interessa... O filho é meu... Você nem queria... agora me deixe em paz. Eu fico muito melhor sozinha. Não preciso de você pra nada.

Bate o telefone. Levanta da cama. Vai até o guarda-roupa. Abre. Tenta colocar um vestido. Não serve. Tenta outro. Olha-se no espelho, de frente, de perfil...

Mulher – Estou enorme...

Passa a mão na barriga, num misto de revolta por ver o corpo deformado e de ternura pelo bebê. Põe a mão nas costas como se estivesse com dores. Volta para cama. O telefone toca.

Mulher – Alô! Não, mãe. É... está tudo bem! Claro, tenho certeza. Mas eu sei que não está na hora. Claro que aviso... (*Mudando de tom, titubeia, gagueja.*) Ele está bem... Voltou, mas, viajou de novo... É... muito trabalho... Não, não vou ficar sozinha. Tá bom mãe, tá bom... Mãe, por favor, eu quero descansar, só isso... Tá bom, tá bom... Um beijo.

Desliga o telefone desanimada.

Mulher – Será que não vão me deixar em paz, hoje?

Vai até a estante, pega um livro, um caderno, volta para cama e escreve um pouco. O telefone toca novamente. Atende, com impaciência.

Mulher – Alô, oi... tudo... é... estava preparando a aula de amanhã. Não, ainda dá... Não quero que me substituam por enquanto... (*Impaciente*) Eu já disse que não. Não, não estou brava... só estou cansada... Beijo, até amanhã, a gente se fala na escola.

Larga tudo. Deita, acaricia a barriga. Começa a cantar para o bebê. Começa a falar com ele.

Mulher - Queria poder trazer você para um mundo só de alegrias. Um mundo cheio de vida, com todos os dias de sol. Mas... Não posso poupar você da dor se ela faz parte de



mim. Queria ter todas as respostas. Saber todas as soluções para todos os problemas. Mas não sei... Às vezes fico tão confusa... Queria te ensinar a simplificar as coisas. Mas complico tudo... A gente vai ter que aprender junto. Você aceita? Não tem escolha. Você vai ter que me aceitar como sou... Só posso te garantir uma coisa. Vou te amar muito. Te amo desde já...

A luz vai se apagando. Um grito de dor e gemidos. Contorções. Movimentos de parto. Ela tira, de dentro do vestido, pedaços de pano, como se fosse o bebê, que ela vai enrolando e colocando, sob uma coberta, no lado esquerdo da cama, formando um pequeno corpo. Durante a peça, esse monte de pedaços de pano vai crescendo na medida em que a mulher acrescenta outros tecidos.

A luz vai voltando. Olha-se, novamente, no espelho, agora, sem a barriga. Troca de vestido. Vai até o bebê. Acaricia-o. Pega-o no colo como se o amamentasse cantando uma cantiga, ao mesmo tempo doce e melancólica.

Coloca o bebê na cama. Pega outros pedaços de pano do guarda-roupa e amontoa como se o bebê tivesse crescido. Vai até o armário e se arruma para sair.

Mulher – A mamãe vai sair... Você fica boazinha? Volto logo... Não chore, meu amor... Prometo que volto logo... Amanhã a gente passa o dia inteiro juntas. Prometo...

Música de discoteca. Luzes. Dança como se estivesse seduzindo alguém. Como se dançasse com um homem. Cada vez mais insinuante. Leva o homem imaginário para cama. Têm uma relação sexual. Chegam ao orgasmo.

Mulher – É melhor você ir. Minha filha pode acordar... Claro que eu disse que tinha uma filha. Bom, de qualquer forma, não importa... É melhor você ir... Vai... Vai... ***(Fala mais alto.)*** Estou dizendo para ir embora, ela pode acordar. ***(Empurra, levanta-se e leva o homem imaginário até a porta.)*** ***(Mais doce)*** Me liga? ***(Fecha a porta.)***

Volta-se para a filha.



Mulher – Tudo bem, meu amor... Agora está tudo bem. Amanhã nós vamos passear bastante... Durma agora... A mamãe está aqui...

Deita-se ao lado da filha. Abraça-a.

Mulher – Agora estamos só nós duas. Você sabe que eu estou sempre com você. Durma, meu amor... Você sabe que é só você que eu amo...

Canta.

Toca o despertador. Acorda apressada, enquanto se troca coloca mais pedaços de pano, no lado da filha. Agora, o tamanho é quase de uma outra mulher.

Mulher – Acorda. Você vai se atrasar... É hoje o seu exame e eu não posso chegar atrasada à escola. Por favor, levanta... Ontem você chegou super tarde. Como vai poder fazer o exame hoje, hein? Assim não dá. Vamos, levanta... Eu estou saindo... Não dá pra você sair todas as noites... Ontem você chegou mais tarde do que eu. Pensa que eu não vi que horas eram?

O telefone toca.

Mulher – Oi, estou saindo... Não, não vou chegar atrasada de novo... Sei, você já me quebrou muitos galhos... Já agradei, não? É você que está me atrasando, já estou de saída... Tchou!!

Desliga o telefone.

Mulher – Filha, por favor, você quer que eu fique sem emprego?

Toca novamente o telefone.



Mulher – Alô... é ela mesma... Não pode ser... Qual hospital? Já estou indo para lá. *(Para a filha)* Vamos, é a sua avó. Ela está mal. Está no hospital... Vem...

Sacode a filha e sai correndo. Um tempo. Volta vagorosamente, aparência cansada. Deita ao lado da filha.

Mulher – Agora somos só nós duas. Sei, você gostava muito dela. Desde pequena ela sempre cuidou de você, era a única pessoa com a qual podíamos contar... Não sei o que fazer. Agora as coisas vão ficar mais difíceis. Você precisa crescer, me ajudar um pouco. Alguma coisa precisa mudar. Não dá para continuar assim. Queria ir para bem longe. Para qualquer lugar. Vamos embora. Mas pra onde? Tenho que mudar de vida. Alguma coisa tem que acontecer. Meu trabalho está um merda. Faz tempo que não aparece um amor na minha vida. O que é que a gente pode fazer? Hein, meu amor?. Me ajuda, me ajuda a ter uma idéia. A gente podia ir embora pra uma cidade de praia. Não é uma boa idéia? Viver perto do mar, sossegada... Eu largar o meu trabalho, você termina o colégio e depois a gente se manda. só nós duas. Não é uma boa idéia?

Começa a cantar.

Mulher – Não, acho que a gente podia mesmo é mudar de país. Eu sempre quis morar fora do Brasil. Na Espanha. A gente podia ir para a Espanha. Estou cansada daqui, estou cansada de tudo. Depois de tanto tempo sem acontecer nada de diferente, acho que a gente merecia uma mudança radical. Você topa?? Só nós duas... Vamos pôr o pé no mundo...

A luz diminui e a música de discoteca começa. Luzes coloridas. Aos poucos a música desaparece e a penumbra volta.

Mulher – *(Levantando-se furiosamente da cama e gritando)* Pensa que eu não vi que ontem você trouxe um cara aqui para casa. O que é que você está pensando? Você não tem nem quinze anos! Não admito que você comece a fazer essas coisas, está ouvindo? Você só pensa em se divertir. A escola vai de mal a pior e eu fico pagando aulas e mais aulas. E



agora essa... Eu, quando trouxe namorado para casa, já era adulta e sabia muito bem o que fazia. Você nem sabe o que quer da vida. Só faltava essa... Eu vi muito bem. Você não respeita mais nada, não? Afinal de contas nós vivemos juntas, temos que nos respeitar. **(Aos poucos vai parecendo cansada)** Está cada vez mais difícil para mim... Eu queria tanto que você entendesse... Todos esses anos sozinha, tentando fazer o melhor possível. Seu pai nunca ajudou a gente, você sabe disso. Nós só podemos contar uma com a outra. A gente tem que se ajudar, meu amor.

Lembra quando você era pequena? Você dizia: “Mamãe, hoje nós vamos ficar só nós duas, tá bom? Você brinca comigo? Mas... só nós duas, mais ninguém.” E, nós brincávamos muito, como duas crianças, rolávamos pelo chão, jogávamos bola... A gente não precisava de mais nada. Por que tudo mudou tanto? Por que não ficamos mais tão bem como antigamente. Por que você não fica mais comigo como minha filhinha. A gente quase não se fala mais. Eu estou com medo, meu amor.

Começa a cantar.

Mulher – Queria poder fazer o tempo voltar atrás. E ver o seu rostinho de criança me perguntando tudo... Sempre que viajávamos, eu dizia que cantando o tempo passava mais rápido e, então, você sempre queria cantar. Cantávamos sempre. Para o tempo passar rápido, para esquecermos nossos problemas, para nos sentirmos mais unidas. Para esquecer o medo.

Não chore. Eu te amo muito. Você não pode imaginar o que eu senti quando você nasceu. Ver você tão pequenininha, tão minha, tão dependente de mim. Era maravilhoso e, ao mesmo tempo, desesperador. Na maternidade, você chorava na hora de ir para o berçário e eu queria que você nunca saísse de perto de mim. E o medo que eu tinha ... O medo que eu tinha de te machucar ! Não sabia como te pegar direito. Foi difícil e maravilhoso. O melhor de tudo é que você era só minha.

Eu olhava nos seus olhos e me via e sentia que você se via nos meus. Tenho certeza...



Estamos juntas ainda, estamos juntas de novo... Só nós duas... Vai para escola, agora...
Espero você à noite.

Levanta da cama. Começa a se vestir automaticamente. Olha-se no espelho. Admira sua imagem. Começa a se arrumar, a dançar sozinha, parece animada, mais vaidosa. Maquia-se. Sorri para o espelho. Mostra-se para a filha.

Mulher – Estou bem? Você acha que este vestido está bom. Sabe, ele é muito discreto. Nunca saí com um cara tão sério. Sempre me interessei por porra-louca. *(Tampa a boca)* Desculpa, meu amor. Não quis falar do teu pai. Sei que você não gosta que fale mal dele. Mas, eu não estou falando mal, não é? *(Um tempo, admira-se no espelho.)* Que bom! É a primeira vez que saio depois de um tempão. Tomara que dê certo, você não acha? *(Olha para a filha)*. Você está de mau humor, não é? Ciumenta! Lembra quando você era pequena? Você sempre me perguntava se eu ficava feliz estando só com você. Lembra? *(Termina de se arrumar)* Estou indo. Não demoro... *(Beija a filha e vai embora.)*

Volta feliz, cantarolando. Tira a roupa. Coloca a camisola. Deita-se na cama, ao lado da filha. Começa a abraçá-la e a beijá-la.

Mulher – Boa noite, meu amor. Foi uma noite linda. Há muito tempo eu não me sentia assim, tão feliz. Ele é super gentil e carinhoso. Conversamos o tempo todo, sem parar. Você vai ver. Você vai gostar dele, tenho certeza. É meio precipitado, mas acho que é possível que ele queira que a gente more junto. Não é legal? Depois de tanto tempo sozinhas, pode ser que tenhamos alguém para ficar com a gente. O que você acha? Não seja ciumenta... Eu te conheço. Não se preocupe, meu amor? Você é quem eu mais amo no mundo. Você sabe muito bem. *(Começa a dar muitos beijos na filha)* Quando você era pequena, você me dava um monte de beijos e me dizia: “esses você guarda para sempre...”

Começa a cantar e dorme abraçada na filha.

No telefone.



Mulher – Alô... Oi... é que você não me telefonou no sábado, aí eu pensei... é... que a gente podia sair hoje... pegar um cineminha... Ah... Você não gosta de sair aos domingos... É... ‘Tá legal. Entendo... Na quarta? Aí, sou eu que não posso... Eu vou com a minha filha na aula de dança... É, a gente faz junto... É divertido. A gente podia jantar depois e assim eu aproveito para apresentar vocês... Não dá? Que pena... É que para mim é melhor no final de semana. Ah... Você vai viajar. Então, deixa para lá. A gente se fala outro dia, um beijo.

Deita ao lado da filha.

Mulher - Não, não é sua culpa, meu bem. A gente nunca sabe o que pensar dos homens. Não liga não. A gente está bem assim, não?

Toca o telefone.

Mulher – Alô? Quem? Ah, você... Não, é que faz tempo que a gente não se fala... Não, ela não me disse nada. (***Olha para a filha surpresa.***) O quê? Ah, essa é nova! Você está doido? Como é que ela vai querer morar com você? Faz um tempão que você nem a vê... Vocês se viram? Quando? É claro que é da minha conta... Fui eu que sempre cuidei dela, não? O quê? Eu não a deixo fazer nada? (***Cada vez mais surpresa, olhando para a filha, tentando entender.***) Você só pode estar louco. Nós conversamos sobre tudo, decidimos tudo juntas... Meu namorado? Quem te disse que eu estou namorando? Nem estou mais... e ela nem sequer o conheceu... Só pode ser você que está pondo essas idéias loucas na cabeças dela. Você nunca fez nada, nem por ela, nem por mim, e agora vem me dar lição de moral.

Ela não vai morar com você e ponto final. Duvido que ela queira isso. A gente se dá super bem. Eu a adoro e ela me adora. Você nem imagina como nós somos ligadas.

A resposta é não e ponto final. Sou eu que tenho a guarda e você nunca fez nada por ela. Não quero conversar, não quero nada. Quero que você deixe a gente em paz.



Bate o telefone

Mulher – (para a filha, chorando) Não pode ser verdade, meu amor. A gente sempre se deu bem. Você sabe como eu te amo. E você? Você vai conseguir viver longe de mim. Eu não te dou liberdade, é isso? Foi por causa daquele garoto que você trouxe para casa? Você é uma criança. Precisa ainda de um tempo para essas coisas. Não vai ser sempre assim. Eu prometo! Aos poucos você vai ter a liberdade que você quer, mas é preciso um tempo. Calma! Você acha que com o seu pai vai ser diferente? Ele só vai te usar, como ele fez comigo. Ele não gosta de ninguém. Ele vai te usar para me magoar, depois ele vai te usar como empregada, secretária, sei lá... Ele é assim. Claro! Eu o conheço muito bem. Você não está querendo isso de verdade, está?

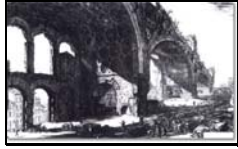
Como você pode querer me deixar sozinha, hein? Nós, que sempre estivemos juntas. Eu fiz tudo por você. Se você soubesse como foi difícil. Em alguns momentos pensei que não fosse conseguir. O mais difícil a gente já passou. Agora você é uma mulher. A nossa relação pode ser outra, de igual para igual, de amigas. Eu te trato como criança? É isso? Só por que eu gosto de te encher de beijos e cantar para você como se ainda fosse o meu bebê? Assim... **(Pula em cima da filha brincando, beijando-a, cai ao lado da cama como se tivesse sido empurrada)** Você nunca fez isso antes... **(Com muita tristeza.)** Você mudou muito...

Começa a cantar e a tirar os tecidos que representam o corpo da filha. Dobra cuidadosamente e guarda no armário até que a cama fique vazia. Senta-se na cama encostada na cabeceira. Encolhe as pernas, abraça-as. Continua cantando. Pára. Olha para o público. Olha para o lado da cama que pertence à filha e que está vazio.

Mulher – Ah, meu amor... Você me faz tanta falta... Não tem mais nada dentro de mim.

O telefone toca, toca e ela não atende.

A luz vai abaixando...



Travessias número 01 revistatravessias@gmail.com
Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.

FIM